



VIVENCIANDO HISTÓRIAS DE VIDA NA PRÁTICA ACADÊMICA: UM ESPAÇO PEDAGÓGICO INOVADOR PARA A INTEGRALIDADE DO PROCESSO FORMATIVO

Ana Tânia Lopes Sampaio (1); Isabel Cristina Amaral de Sousa Rosso Nelson (1);

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, anatsampaio@hotmail.com

Centro Universitário Facex, isacristas@yahoo.com.br

Resumo:

Historicamente a produção do conhecimento tem se dado através da cisão cultural dos componentes Emoção-Razão, Objetivo-Subjetivo, Individual-coletivo, ciência-consciência. Vivenciar as *histórias de vida*, como prática acadêmica do curso de enfermagem do UNIFACEX, é fruto de uma proposta política pedagógica que se propõe, de forma inovadora, a desenvolver diferentes cenários de atividades educativas de abordagem individual e coletiva que rompem com o modelo de causalidade determinista, com a lógica das disciplinas. Um currículo Integrado pautado no pensamento complexo e na multidimensionalidade do *Ser*. Objetivo: A experiência visou proporcionar ao grupo de alunos uma vivência pedagógica de acolhimento na Atividade Interativa Multidisciplinar, a qual proporcionou, de forma lúdica, o auto e mútuo conhecimento, resgatando, através desta prática biográfica o *Ser* como sujeito e ator da sua própria história. Metodologia: O processo se deu através de uma pesquisa-formação dinâmica, no decorrer de quatro Encontros presenciais. Resultados: O momento proporcionou uma rica expressão da subjetividade, da criatividade e uma reflexão coletiva sobre a importância do trajeto biográfico de cada um na formação pessoal e profissional. Oportunizou à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentidos para nossa prática docente, uma vez que estes diários biográficos fazem parte de um capítulo do portfólio docente, multidisciplinar que norteia toda evolução formativa do aluno. Frequentemente utilizamos estas histórias para compreender atitudes e dificuldades de desempenho no processo formativo e assim atuarmos respeitando os sujeitos diante de seus contextos de vida.

INTRODUÇÃO

Vivenciar histórias de vida na prática acadêmica de enfermagem é parte de uma outra história que envolve a implantação de um curso de graduação pautado em uma pedagogia que valoriza o pensar, o sentir e fazer na formação humana. É um contexto onde intenção e gestos se misturam no expressar do espírito lúdico o qual permite o fluir da criatividade, sensibilidade e criticidade no despertar do *Ser* para a alegria de viver.

Sabe-se que a formação superior em enfermagem enfrenta de um modo geral, a realidade vivida pelo ensino universitário no Brasil, ou seja, a separação entre cultura científica e cultura humanística, ciência e valores humanos além da fragmentação dos saberes.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

Desde a Reforma Constitucional de 1988, novos cenários vêm sendo exigidos e construídos a partir de dispostos legais, tanto no âmbito da educação quanto da saúde. Neste sentido, podemos citar a Lei Orgânica da Saúde Nº. 8.080/90, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº. 9.394/96, o Plano Nacional de Educação, a Resolução CNE/CES Nº. 3/01 que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, UNESCO: Paris, 1998 e a Política de Educação Permanente instituída pelo Ministério da Saúde (Resolução nº. 335/2003-CNS; Portaria nº. 198/GM/MS).

Tendo em vista essas novas responsabilidades constitucionais, o governo brasileiro considerou como importante referência na construção das novas políticas públicas na área da educação, o relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO,1998), conhecido como relatório Jacques Delors, o qual apresenta quatro pilares para educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser. Esse relatório sugere novas práticas pedagógicas que promovam um repensar sobre a vida, enquanto componentes de uma educação de valores.

Essa Comissão propõe para a Educação do século XXI uma prática baseada em um repensar da existência humana, em novos valores, onde sejam estimuladas as práticas do dever de compreender melhor a si mesmo, ao outro, de compreender melhor o mundo. Neste sentido, esse Relatório serviu de subsídio para a elaboração da proposta de reorganização do modelo educacional brasileiro a partir da Lei de Diretrizes e Bases. Nela, a educação se coloca como abrangente aos processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Todo esse referencial subsidiou um sonho do Centro Universitário Facex-UNIFACEX que hoje se torna realidade: a implantação de um curso de Enfermagem inovador, orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a enfermagem, por princípios técnico-científicos e éticos da profissão, e por preceitos pedagógicos, emancipatórios e transformadores.

Coerente com nossos pressupostos éticos-políticos-pedagógicos e contando com total apoio do UNIFACEX, solicitamos consultoria da ABEn/RN¹, a qual nos indicou as renomadas

¹ Associação Brasileira de Enfermagem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

Enfermeiras Doutoras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rosalba Pessoa de Souza Timóteo e Raimunda Medeiros Germano, mentoras do Projeto Político Pedagógico que norteia este curso, com as quais tivemos o orgulho de nos debruçar sobre a construção coletiva da atual proposta.

Historicamente nossa formação profissional foi referenciada no deslocamento dos objetos de seus contextos, na divisão dos territórios do conhecimento por disciplinas, na unificação do que é múltiplo, na simplificação do complexo, na exclusão do que é incerto ou contraditório, ocasionando o aparecimento de relações inumanas, deterministas, formalistas e quantitativas que dissolvem tudo o que subjetivo, livre, afetivo e criador (MORIN, 1999). Para adquirir o título de enfermeiro apenas aprendíamos a conhecer e a fazer, não estava nos objetivos do curso à missão de ensinar a ser e a conviver juntos. Éramos preparados para não nos envolver, para não sentir....

Buscando cumprir os quatro pilares da Educação, a proposta do curso do UNIFACEX é pautada no pensamento complexo, fruto de uma ruptura ideológica com o contexto específico² em que se inseriu historicamente a Educação na Enfermagem. Porém, o maior desafio foi tirar os ideais do papel e viabiliza-los na prática, e é aí que entra, neste cenário, a Professora Doutora Katia Brandão Cavalcanti, membro da Base de Pesquisa em Corporeidade e Educação minha orientadora do projeto para o Doutorado em Educação, que nos embasou epistemologicamente para a corporalização da proposta. Sair do imaginário para o real foi o itinerário onde se deu as experiências vivenciais de um novo fazer pedagógico o qual envolve o ser em sua totalidade, ou seja, o sujeito existencial³.

A missão educativa supera a capacitação profissional, pois é uma capacitação para o ser, ligada à grandeza da existência, expressa-se pela compreensão e apreensão de conteúdos significativos, um saber fazer, um poder sentir, um despertar para a totalidade da vida. A fundamentação teórica está centrada na compreensão de que tudo o que existe é consciência e que nós a manifestamos através dos estados de desenvolvimento que atingimos ao longo de nossa existência pessoal (WILBER, 1997).

O curso tem proposta curricular fundamentada na perspectiva de uma pedagogia que rompe com as concepções tradicionais de ensino, possibilitando um processo de aprendizagem

² É uma das camadas interativas contextuais onde o fenômeno ocorre (HINDS, 1992).

³ Ser existente total, que operacionaliza, consciente e inconscientemente, através da ação, um conjunto de capacidades próprias ao homo sapiens-sapiens (BARBIER, 2003)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

integrado, crítico-intelectivo-sensível e contemplativo, vinculados à realidade pessoal e social. É a articulação entre cultura científica e cultura humanística, o diálogo entre arte, ciência e espiritualidade. A aprendizagem, neste contexto, busca o estado de ser e fazer do conhecimento capaz de compreender e dialogar com os fenômenos e mistérios da natureza humana.

Neste sentido, o processo de construção do conhecimento é vivenciado enquanto um fenômeno multidimensional, simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural e social. A Liberdade, Inquietude, a Angústia, o Conflito, a Escolha, a Alegria, a Ação, o Engajamento, a Responsabilidade e a Solidariedade são noções-chave e vinculadas por uma compreensão da natureza do sujeito existencial (BARBIER, 2005). Assim, além de momentos presenciais em sala de aula, o acadêmico de enfermagem desenvolve também atividades vivenciais de auto e mútuo conhecimento. Os espaços de aprendizagem se expandem em laboratórios, comunidade, espaços de convivência e serviços de saúde num processo de aprendizagem integral. É uma visão de projeto implicado⁴.

Por se apresentar como um projeto implicado se caracteriza pela flexibilidade, criatividade, pelo inacabamento, pelo sentimento poético, ao mesmo tempo metafórico, praxiológico e axiológico. Ele se expõe constantemente a provações, constrói sua própria história nos diferentes cenários. Ao mesmo tempo em que cumpre as exigências cartoriais do MEC, se permite fluir no cotidiano das diferentes possibilidades que surgem. É uma metamorfose constante rumo ao vôo livre e autônomo.

Como diz Almeida (2005), somos o que fazemos. Fazemos o que sabemos. Desta forma, toda a proposta pedagógica do curso de enfermagem do UNIFACEX toma por base meramente a formação de novos profissionais enfermeiros, mas também a construção de novos sujeitos que são levados a pensar a sua vida, os seus universos de significações internas, os seus aprendizados e a compartilhar com os outros suas experiências na busca de um mundo melhor.

AS HISTÓRIAS DE VIDA NO CONTEXTO DO CURSO

⁴ Projeto voltado para o ser-no-mundo, potencial e criador, ligado à força da vida, dotado de um sentido não determinado e envolto em incerteza (BOHM, 1987).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

O curso de Enfermagem do UNIFACEX, ciente dos desafios que surgem dessa reorientação pedagógica, vem buscando compreender e estabelecer para si, novas bases filosóficas e epistemológicas que imprima a sua marca. Ou seja, a criação de estratégias que permitam a corporificação do pensamento complexo na formação humana do enfermeiro.

Esse processo é contínuo pensar/fazer, que não está centrado nem no educando, nem no educador, mas no contexto/processo ensino-aprendizagem, direcionado por um propósito político/pedagógico. É, neste sentido, dialógico, participativo e dinâmico, que, partindo da vivência cotidiana, é revivido e analisado à luz dos elementos da cultura sistematizada, na elaboração do conhecimento novo.

É, pois, uma educação conscientizadora na medida em que oportuniza a compreensão dos homens como fazedores da realidade e da sua história. Uma educação que busca entender o próprio homem em suas relações com o mundo – realidades inseparáveis – e se prolonga na reconstrução dessas realidades (Freire, 2006, p. 89). O exercício de problematizar e solucionar problemas reais estimula de forma ativa e reflexiva o potencial intelectual do aluno, transformando a realidade e o próprio aluno.

A relação professor/aluno deve estimular a inteligência, a consciência, à vontade e o caráter humano, sem que se subverta a escravidão de uma intelectualidade mecânica e limitada. Uma formação limitada a esquemas programáticos, pré-determinados, não constituem a expressão social dos homens, mas apenas a parte mecânica e burocrática da transmissão de saberes, produtores de alunos “com cabeças cheias”, mas não será formadora de estudantes de “cabeças bem feitas” (MORIN, 2003).

A elevação cultural do educando antevê a competência do **Educador** para que favoreça de forma organizada e sistematizada o processo de aprendizagem que estimule a emancipação e a autonomia.

Implica desse modo, na redefinição de papéis, que não se trata apenas de determinar o que cada ator - educador e educando - desempenhará no processo, mas de articular o seu papel ao questionamento para que fazer e para quem fazer; e “compromisso”, firmado na ação consciente de limites e possibilidades da ação educativa em relação aos determinantes sócio-econômicos e políticos, na perspectiva da transformação social.



A formação orientada por este entendimento, requererá do estudante e do professor do curso de Enfermagem o abandono da concepção de aluno-receptor de informações em benefício da

Desta forma no UNIFACEX, os espaços de aprendizagem se iniciam a partir da ambientação das salas, que se organizam de forma circular onde os alunos se vêem, podendo olhar um para o outro frente a frente. O professor no meio e não na frente dos alunos, deverá facilitar o processo de construção do conhecimento fundamentado no princípio do aprender a aprender. É o educar para o sentirpensar (MORAES, 2004).

Concordamos com Assmann (1998), quando diz que o ambiente pedagógico tem de ser um lugar de fascinação e inventatividade. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos, ou seja, não só os distais (ver e ouvir), mas também os proximais (sentir e tocar).

O processo de construção do conhecimento parte do imaginário, simbolizando as aprendizagens pré-concebidas a partir do seu contexto de vida (experiências do mundo sobre ele e/ou dele sobre o mundo), oportunizando sensações. Essas sensações percebidas, vão dar origem a conceitos (significados) construídos a partir da sua percepção. Em seguida, o contato com a realidade motivará uma dissonância cognitiva (incomodação interna) gerando uma reflexão crítica (pensamento/raciocínio) que oportuniza a emoção (afeto) e os sentimentos que guiarão a decisão, à ação criativa (experiência corporificada) a partir de suas escolhas (autonomia).

Utilizamos como uma das estratégias para estimular a estrutura cognitiva, o uso de organizadores prévios, ou seja, situações reais de vida que sirvam de âncora para a nova aprendizagem e levem ao desenvolvimento de conceitos que facilitem a aprendizagem subsequente. Tais organizadores prévios podem ser materiais introdutórios apresentados antes do próprio material a ser aprendido, ou suas próprias histórias de vida, que teriam a função de servir de “pontes cognitivas” entre o que o aprendiz já sabe e o que ele deve saber, buscando-se garantir que a aprendizagem seja significativa.

Pautada na compreensão da humanescência⁵, todas as construções são articuladas pela relação mente, corpo e sentidos no contexto da vida. É, portanto de fundamental importância a

⁵ Construção de uma nova humanidade, a partir do processo de luminescência de cada Ser.



história de vida de cada um dos alunos como ponto de partida para o processo de formação.

Essa interpretação orienta o processo de formação do enfermeiro, pautado não mais na visão unilateral e individualizada do ser humano, mas em sua dimensão histórica e em suas múltiplas relações de existência. O homem, neste sentido, passa a ser, simultaneamente, parte integrante de uma sociedade e visto como autor e ator da própria história, que, por sua vez, é entendida como o modo de relacionar-se consigo mesmo, com os outros homens e com a natureza.

O processo de construção das histórias de vida dos alunos é a primeira vivência pedagógica no curso, após uma tarde de acolhimento com atividades de socialização. Faz parte da programação da Atividade Interativa Multidisciplinar-AIM⁶ do primeiro Eixo Temático (1º Período) chamado de “Macro dimensão da Vida”.

É o primeiro contato dos discentes com o espaço de aprendizagem, oportunizando ao aluno um trabalho biográfico que expresse a sua trajetória de vida, culminando com a opção pelo curso. Essa atividade oportuniza um resgate do passado a partir dos interesses, das questões, das preocupações, das expectativas e dos desejos de um presente que contém um futuro implícito ou explicitamente projetado (JOSSO, 2004).

A escrita sobre a história de vida expõe escolhas, sentidos, valores e significações que apontam para potencialidades no âmbito da descoberta, de um saber viver consigo, com os outros, com o meio humano e natural, numa perspectiva cósmica. Ou seja, o cenário apresentado por cada aluno é o ponto de partida para sua formação, para seu caminhar no curso, para suas conquistas e também para o entendimento sobre algumas frustrações e limites.

Neste sentido, utilizamos uma ferramenta pedagógica de nossa autoria (Diário Biográfico) que é construído pelo aluno no decorrer de quatro encontros presenciais na qual o sujeito cognoscente se apresenta enquanto ser existencial. Nele são possíveis os registros de sua viagem ao passado, chegando ao presente e buscando um futuro. É um encontro com o Eu de cada um no cenário de suas vidas, até o contexto atual do curso.

Primeiro encontro: Nossas escolhas na vida

⁶ Unidade Programática de 36 horas que oportuniza vivências interativas lúdicas as quais articulam os diferentes conhecimentos que compõem o Eixo Temático do semestre letivo.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

Para caminhar em direção ao reencontro consigo mesmo, ao acolhimento do outro e ao diálogo com o mundo, devemos partir do lugar que ocupamos na vida social. Desta forma se faz necessário identificar o lugar que cada um ocupa no momento atual a partir de suas histórias.

Os alunos são recebidos em um espaço de aprendizagem instalado a partir de um cenário que envolve esteiras de cores variadas (branco, preto, azul, verde, amarelo e vermelho), espalhadas pela sala. Este ambiente busca favorecer construções de grupos a partir das escolhas individuais, ou seja, a opção pela cor é o ponto de partida para uma interação grupal.

Após a escolha da cor, cada aluno é convidado a sentar na esteira que tem a cor de sua preferência. Sugerimos então, as pessoas de cada esteira/cor a se conhecerem identificando o que existe em comum entre elas, além da opção pela mesma cor.

Após alguns minutos, entregamos em cada grupo um texto sobre a cor escolhida e a relação com a personalidade humana e pedimos que conversem sobre ele.

Passado esse momento em pequenos grupos pedimos a todos que levantem e formem um grande círculo onde um componente, representante de cada grupo possa expor os pontos comuns registrados. Terminada as exposições, abrimos um debate sobre nossas escolhas na vida e a importância que elas têm para delinear nossos caminhos e os projetos futuros.

Segundo encontro: Redigindo meu diário autobiográfico

Ao chegar à sala, os alunos são novamente convidados a voltar aos seus espaços de cores e então, distribuímos um formulário (criado por nós) que contém um espaço para uma foto 3X4 e um diário autobiográfico, onde cada um deve, em silêncio, apoiados por um fundo musical suave, escrever sua história de vida até o momento atual da escolha do curso.

É uma viagem para dentro de si mesmo e um regresso ao tempo passado. Todos os fenômenos vivenciados e descritos pelos alunos no contexto de suas histórias estão intrinsecamente relacionados, pois vivemos num sistema complexo de relações, em que todo-e-parte formam um binômio inseparável. O todo está em cada uma das partes, e, ao mesmo tempo, o todo é qualitativamente diferente da soma das partes (princípio holográfico). Nada é estático, tudo flui num movimento contínuo de inter-relações; a interioridade e a exterioridade participam da mesma realidade, modificando-se mutuamente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

Para os alunos, relatar suas histórias é construir significados, é apresentar cenários que envolvem sentimentos, valores, atitudes. Esse momento oportuniza para nós educadores, através dos registros da escrita nos diários, a compreensão dos movimentos construídos pelas relações do ser existencial com seu contexto de vida.

O Diário Biográfico é certamente um instrumento de suma importância no decorrer do processo formativo. Através dele é possível entender que somos manifestações do processo evolutivo; seja do ponto de vista individual, na medida que temos nossa história pessoal de desenvolvimento, seja do ponto de vista coletivo da humanidade, seja do ponto de vista do universo físico e do planeta Terra, desde que também a humanidade e o universo possuem suas próprias histórias.

Terceiro encontro: Minha história no contexto do grupo

Continuando nos grupos das cores, agora os alunos devem conversar entre si sobre suas histórias. Oportunizamos um debate em cada grupo sobre o Ser de cada um e a relação com as escolhas na vida. E então pedimos que, voluntariamente, cada um que socialize com seu grupo a sua história de vida lendo seu diário biográfico.

O grupo poderá dialogar, conversando entre si, sobre suas trajetórias através das variadas interações dialéticas com a vida com os componentes do grupo. A partir daí, o grupo é orientado a escolher (com autorização do autor) uma das histórias para ser contada no próximo encontro, de forma criativa, para toda a turma.

O expor a si e a sua história é um início de uma abertura para a mudança, para evolução. Uma parte do todo do aluno, nunca estático ou completo, mas um processo infindável de movimentos que envolvem suas relações, trazendo a nível de pensamento e expresso através da linguagem significativa, o fluxo da consciência junto com a realidade cultural, social, ambiental, hereditária, que remete à questão da totalidade.

O “Contar uma história” é um exercício que requer todo o envolvimento do grupo, a preparação, a inspiração e interpretação, o início do despertar do Ser Criativo, ou seja, o buscar saber começar, por si mesmo, a realizar aquela transformação individual e social que tanto deseja (MARTÍNEZ, 2003).

Quarto encontro: Contando uma história de vida



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

Nesse encontro existe todo um cenário que possibilita o fluir do corpo, da mente e dos sentidos através do ato de contar uma história de vida. São relatos que envolvem sentimentos, emoções, valores. É parte de uma nova visão sobre o processo de aprender, uma concepção que contempla a multidimensionalidade do ser existencial.

Essa vivência estimula o ato criativo do discente, o sensível, o intelectual e até mesmo o contemplativo... A nossa experiência buscou romper com a lógica que separa a intelectualização da afetividade, da ludicidade. A esse respeito, segundo Restrepo (2001), o que caracteriza o pensamento e a cognição humana e que nenhuma máquina jamais irá suplantar é a capacidade humana de contar suas histórias, de emocionar-se, de reconstruir o mundo e o conhecimento, a partir do componente afetivo presente em todas as manifestações da convivência.

A história de vida como instrumento norteador para o início de um curso de graduação em enfermagem, é claramente a ruptura com esta lógica, é uma prática de formação humana, uma busca do envolvimento é, portanto, um apelo à sensibilidade daqueles que o vivenciam.

Envolvimento, eis a palavra chave! Analisando a luz do pensamento de Csikszentmihalyi (1999), nas suas conclusões sobre o conceito de fluxo, diríamos que o desafio na vivência da construção das histórias de vida foi o desenvolvimento de uma experiência ótima, ou seja, um estado em que os alunos se encontravam tão envolvidos nas atividades que nada parecia importunar ou importar.

No contar as histórias de vida, os alunos brincam, dançam, dramatizam.... Uma atividade onde o sujeito discente entrega-se à experiência sem restrições de qualquer tipo, especialmente as mentais, que, usualmente, tem por base juízos pré-concebidos sobre as coisas e sobre as práticas humanas. É claro que é preciso se dispor a sentir esse prazer, a vivenciá-lo. É possível observar no semblante de cada aluno o brilho do olhar, a alegria de sentir-se parte de criar, de inventar, de improvisar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada nos apresenta uma perspectiva metodológica que propicia uma formação humanística. Procuramos compreender, teoricamente, o que ocorre com cada um de nós e como isso ocorre, fazendo pontes com e para o processo de desenvolvimento, tanto do ponto de vista corporal, quanto emocional e espiritual. É o Holos “todo-globalidade”.

O grande desafio da educação contemporânea se baseia na reformulação de paradigmas. O primeiro passo para provocar mudanças nos processos educativos é entender que as propostas não podem mais ser construídas isoladamente, ou seja, serem decididas pelos níveis centrais,



sem levar em conta as necessidades sentidas pelos alunos, as suas histórias, seus contextos de vida.

O processo de construção do conhecimento e de aquisição de habilidades pode ter seu ponto de partida nas realidades pessoais, respeitando as experiências anteriores e a forma de viver e sentir das pessoas. Devemos priorizar ao invés do processo informativo, onde os saberes é impulsionado de fora para dentro, o formativo, no qual a construção das aprendizagens parte do contexto interno do aluno, ou seja, de dentro para fora. Assim, são valorizados seus sentimentos, suas emoções e suas percepções no ressignificar do processo educativo.

A prática educativa poderá ser a porta para o re-encantar da educação. O processo de conhecer e de aprender são processos que envolvem a totalidade do ser humano, implicando, portanto, o contexto de toda sua história. Na aprendizagem significativa, valorizamos o que aprendemos porque nossas histórias são ouvidas, respeitadas. Assim acumulamos e renovamos experiências.

Conhecer histórias de vida, adentrar na vida dos alunos supõe, entre outras exigências, sensibilidade e rigor ético. Neste sentido, há que se fazer uma opção metodológica articulada a uma perspectiva que sustente a leitura das problemáticas no contexto da formação. Na nossa experiência, a dimensão temporal determina que se busque no campo do saber histórico a base para o processo evolutivo do aluno. Assim, é dentre variantes historiográficas dos sujeitos cognoscentes que acompanhamos, compreendemos e ressignificamos seu percurso acadêmico.

Acreditamos numa pedagogia voltada para a formação integral do Ser, para o desenvolvimento da sua inteligência, de seu pensamento, de sua consciência e de seu espírito. Defendemos novas bases teóricas e novas práticas pedagógicas que favoreçam não apenas o desenvolvimento da inteligência humana, mas, sobretudo, que colaborem com a reforma do pensamento humano.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, M. da C. de. **Cumplicidade, complexidade, (com)paixão.** In: Ética, solidariedade e complexidade. São Paulo: Palas Athena, 1998.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação.** 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BARBIER, René. **Palavra educativa e sujeito existencial.** In: BORBA, Sergio; ROCHA, Jamesson (Org). Educação e Pluralidade. Brasília: Plano Editora 2003.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** Tradução: Newton Roberval Eicheemberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARÊS, L. C; TENTOR, S.B . **Ambientes de aprendizagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

UNIFACEX. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem,** Natal: Centro de Ensino UNIFACEX, 2005.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** 33ª Ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução: José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2003.

MATURANA, Humberto; ZOLLER, VERDEN, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano.** Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 2004.

MORAES. Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN. Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do Futuro.** Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão** (Organização de Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho). Belém: EDUEPA, 2001.

UNESCO, 2000. **Educação: um tesouro a descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Tradução: José Carlos Eufrásio 8ª ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC: UNESCO. 2003.